

Scalabrini e a Missão da Igreja

Uma das notas da Igreja, em que Scalabrini retorna com freqüência em seus escritos, é aquela da missionariedade, expressa por seu atributo de católica. Na explicação para isso se poderia recordar o ardor missionário da Igreja naquela segunda metade do século XIX, mas não deve ser esquecida a vocação propriamente missionária do Sacerdote Scalabrini, “protelada” pelo Bispo de Como, quando Scalabrini apenas ordenado sacerdote queria inscrever-se ao P.I.M.E.

“Os Reis Magos não só abraçaram a fé, mas, segundo uma antiga e respeitável tradição, tornados ao seu país, fazem-se pregoeiros junto aos seus co-nacionais e tornam-se os Apóstolos. É próprio da fé, como de todo afeto profundamente radicado no coração e vivamente sentido, o manifestar-se para fora, expandir-se, o comunicar-se aos outros”
(Discurso pela Epifania 1891).

Uma das notas da Igreja, em que Scalabrini retorna com freqüência em seus escritos, é aquela da missionariedade, expressa por seu atributo de **católica**. Na explicação para isso se poderia recordar o ardor missionário da Igreja naquela segunda metade do século XIX, mas não deve ser esquecida a vocação propriamente missionária do Sacerdote Scalabrini, “protelada” pelo Bispo de Como, quando Scalabrini apenas ordenado sacerdote queria inscrever-se ao P.I.M.E.

Nos seus escritos, o “ardor missionário” da Igreja apresenta páginas de oratória comovente, que se poderia antologizar; mas considera-se, ao invés, mais oportuno fazer uma breve explanação dos seus pensamentos sobre a Igreja missionária e, depois, antologizar um dos discursos de “missão” dos seus missionários.

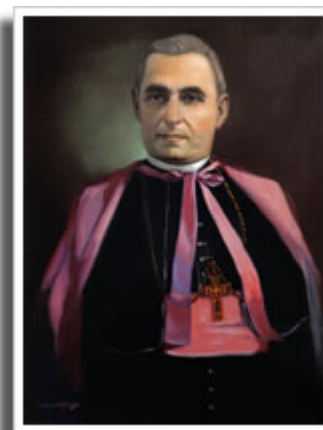
Pensamentos de Scalabrini sobre a Igreja Missionária

Deus quer que todos os homens sejam salvos e Jesus Cristo é o único salvador dos homens. A fé em Cristo é um chamado à liberdade do homem, e é ofertada pela Igreja, que é o sinal e o instrumento da salvação de Cristo. A Igreja nasce com o Pentecostes, e o Espírito Santo torna-a toda missionária, difundindo-a até os extremos confins da terra. A Igreja pelo mundo, o Reino de Deus, que se exprime também na civilização cristã, no que consiste “o verdadeiro progresso”. A Igreja é uma, mas encarna-se em todas as culturas às quais leva a Boa Nova. A obra de evangelização vem realizada por meio dos sacerdotes, mas também pelos “irmãos catequistas”, e pelos leigos. Todo o povo de Deus deve sentir-se participe da atividade missionária da Igreja e contribuir em vários modos, espirituais e materiais. A Igreja católica, mortificada na Europa por uma cultura sempre menos cristã, estende-se para fora da Europa, junto aos povos pagãos, e faz sentir a nostalgia da unidade nos cristãos desunidos. A missionariedade efetiva da Igreja “ad gentes” conserva firme a fé também nos países que enviam missionários.

Além das Pastorais sobre a Igreja (cfr. Dépliant n. 15), o tema da missionariedade é objeto de alguns Discursos de Scalabrini, como aquele de Pentecostes, de 1883, que mostra realmente a história detalhada da “conquista” do mundo por parte dos Apóstolos e dos seus sucessores; assim também aquele da Páscoa de 1880; e do Pentecostes de 1898, centrados sobre o “dinamismo” intrínseco ao fermento cristão e sobre a co-naturalidade da mensagem de Cristo com as aspirações mais profundas do homem. Recordamos também o discurso sobre o quarto centenário da descoberta da América, com o qual, por assim dizer, se termina de estender o anúncio de Cristo de um a outro mar (evangelização, cujo sentido pleno, porém, será dado pela emigração dos católicos europeus, “os filhos de Colombo”, no novo mundo).

Mas recordamos com um sentimento particular de comoção os Discursos, tão palpitantes de alegria evangelizadora (também se só com alguma pudica alusão aos seus missionários!), da Páscoa e do Pentecostes de 1888, ano, aquele da sua primeira “missão” de Missionários nas Américas. Assim também na Pastoral sobre “O Padre Católico” (1892), a dimensão missionária – com alusão explícita aos seus -, soa evidente: *“Também hoje, não vemos padres em bom número abandonar o que há de mais caro para voar em terras distantes para levar com a luz do evangelho os tesouros da civilização e manter elevado a honra nacional?”*.

“Nós nos alegramos que esta Obra da Propagação da Fé especialmente tenha em Nossa Diocese almas zelosas, corações generosos que a promovam; desejamos, porém,



vê-la ainda mais florescente. Por isso, altamente a recomendamos, veneráveis Irmãos nossos, para que a façais conhecer as imensas vantagens e méritos sem fim a todos os fiéis confiados aos vossos cuidados” (Pastoral 2.2.1881).

Que predileção!



Antes de introduzir o discurso pela segunda expedição de Missionários, queremos recordar três pedras angulares do pensamento scalabriniano sobre a “missão”. E as encontramos com o acento colocado não tanto sobre o enviado, quanto sobre aquele que envia: a dignidade pessoal do missionário, de fato, deriva antes de tudo do fato que o próprio Cristo se interessou por ele, chamando-o e enviando-o: que predileção!:

“Sois ainda poucos para as necessidades, eu o sei, mas embora poucos, podeis muito, quando sois todos animados pelo espírito, com que eram animados os Apóstolos, quando sois todos bem compenetrados da importância e sublimidade da vossa vocação. É grande, inefavelmente grande, ó meus queridos, a honra que vos fez Jesus Cristo chamando-vos a participar de sua obra redentora, incluindo-vos entre os seus apóstolos. É a vós, particularmente, que Ele repete também hoje aquelas confortadoras palavras: “Eu vos escolhi e vos constituí, para que vades e produzais frutos, e o vosso fruto permaneça” (Jo 15,16). Notai, ó caríssimos, não disse “fostes chamados”, mas “eu mesmo vos chamei”, eu que sou o Filho do Deus vivo, eu Rei imortal dos séculos, eu que fundei a

Igreja e a guio vitoriosa, através das batalhas e das tormentas do mundo. “Eu vos escolhi e vos constituí”. Que predileção!” (Scalabrini, Carta aos Missionários, 1892).

Scalabrini e o sentido da Missão na Igreja

Scalabrini, que exultava ao pensamento que a Igreja missionária estendesse de fato Cristo naquele mundo, que já de direito lhe pertencia, toda vez que enviava um grupo em Missão tinha o coração transbordante de alegria. No discurso pela terceira expedição (9.9.91), depois de haver dito também a causa de sua consolação, e isto é, “trazer assim à Igreja nossa Mãe amorosíssima uma gota de conforto em meio a tantas amarguras, continua com um belo pensamento que dá, em três motivos, o sentido da missão na Igreja:

“Cada envio de missionários é uma silenciosa, mas eloqüente apologia de divindade da Igreja Católica. Não é senão a repetição, ou melhor, a continuação do que fez o divino Mestre, quando disse aos Apóstolos: Ide, ensinai todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Cada expedição de missionários confirma ainda a admirável fecundidade e infalibilidade da Igreja. São mais de dezenove séculos, que semelhantes expedições se sucedem, sem interrupção e tanto mais parece multiplicarem-se quanto mais se multiplicam as perseguições e as apostasias. E a Igreja permanece sempre jovem e sempre bela, como no dia em que nasceu. Não é só. Cada envio de missionários nos mostra de modo comovente a infinita misericórdia de Deus e o valor infinito das almas”.

Missão e Encarnação

No documento eclesial “Igreja e mobilidade humana” (1978) há este profundo pensamento: o mundo da emigração recorda e faz reviver à Igreja o próprio mistério de morte e de vida, de despojamento e de exaltação:

“De tal maneira (= fazendo-se presente no mundo da emigração) a Igreja revive uma vez mais o mistério do seu Divino Fundador, mistério de vida e de morte. Ontem, para atingir o mundo pagão, procurou despir-se da fisionomia judaica; para ir ao encontro dos bárbaros, abandonou a marca desbotada da mentalidade romana; para estar disponível à humanidade inteira, esforçou-se para abrir-se a todas as culturas. Uma disposição análoga a guia hoje, para fermentar com o Evangelho a realidade das transmigrações e fazer, possivelmente disso, um meio para o cumprimento de sua missão” (n.8).

Scalabrini, no discurso pela terceira expedição missionária, tinha tido o mesmo pensamento, quanto tinha comparado o Missionário, que abandona casa e Pátria para seguir os migrantes, a Cristo que deixa o seio do Pai e vem estender sua tenda entre nós, despojando-se de tudo, e morrendo numa cruz para a salvação do homem: missão significa encarnação, isto é, despojamento e morte. É uma idéia, de verdade, tranquila e grande!:

“Deus, para nos salvar, desceu do céu à terra. Fez-se homem, sofreu a morte e morte de cruz, e eis o Missionário católico, a exemplo de Jesus Cristo, abandonar o que tem de mais querido,

pátria, parentes, família, cargos honoríficos e lucrativos, atravessar oceanos bravios, expor-se a mil perigos, abraçar uma vida de privação e de sacrifícios, para salvar uma só alma”.

Discurso de Missão: 24 de Janeiro de 1889

O discurso que apresentamos é aquele feito por Scalabrini para a segunda expedição de 8 Missionários para a América. (A divisão em números é da redação). As palavras comovidas do Fundador colocam em foco sobretudo, **três pensamentos** de grande importância. O **primeiro** é aquele que sublinha com insistência que a “missão” dos 8 Missionários é um acontecimento de



Igreja, e precisamente da vocação missionária dela. Nos parágrafos 1-2 bem quatro vezes retorna a expressão de “apostolado católico”. Também as mães dos Missionários devem sentir honra de ter dado “um apóstolo a Mãe comum, a Igreja” (5). Com a consequência que os seus Missionários pertencem, na Igreja, a uma congregação missionária apostólica.

O **segundo** pensamento –ainda mais importante– qualifica sua “missão” como uma continuação da missão “ad gentes” da Igreja. De fato, no pensamento de Scalabrini, o sinal dos tempos da emigração católica tem da Providência Divina uma missão bem precisa: aquela “da difusão da fé”, “da sua propagação” (**Memorial de Scalabrini ao Papa**) lá onde não é ainda conhecida: e o missionário, que “evangeliza” (S. in L’Emigrazione italiana in América, 1887) o emigrado católico, o ajuda nesta tarefa. É aquilo que vem expresso na citação de Isaías, (66, 19,20), em que “pela primeira vez se fala claramente da missão como a entendemos nós, isto é, como envio de pessoas individualmente aos povos distantes para anunciar a glória de Deus. Isto tem um exato significado na missão apostólica nos inícios da Igreja cristã” (K. Westermann). Esta ação missionária, como diz o Profeta Isaías, vem também chamada: “recolher todos os irmãos dispersos”, ou

“recompor na unidade da fé a família humana”. E isto com o serviço aos irmãos migrantes!

Esta passagem de Isaías, que anuncia uma Igreja missionária “ad gentes” (19), e fator de unidade entre os povos, é –por quanto nos é dado saber– a citação bíblica mais feliz que se encontra nos escritos de Scalabrini em relação ao próprio carisma. E não esqueça que o texto de Isaías, é um dos textos “utópicos” de Scalabrini, como foi visto no **Dépliant** n. 13.

O **terceiro** pensamento é que a atividade missionária se realiza com a “força de Deus”, que é “o sinal” da Cruz.

Discurso aos Missionários que partiam

Introduzindo o discurso, Scalabrini efunde a sua comoção pelo grande acontecimento, e exprime a inveja de não poder realizar também ele o sonho da sua vida que foi aquele de ser missionário.

Não lhe escapa na definição de seus missionários “aqueles generosos, etc.”, o conceito profundo de “missão = encarnação = despojamento”; e no apelido de “generosos...” a definição com que Leão XIII denominava aqueles Missionários no **Breve** de aprovação da Obra (28.11.1887).

1. “Existem momentos tão solenes, na vida do homem, tão repletos de suave e profunda emoção, que é impossível imaginar se não se experimenta e se experimentados não se esquece mais. E um destes foi o que, deste mesmo templo (Basilica de Santo Antonino, em Piacenza), há poucos meses (12 de julho de 1888) abençoava o primeiro grupo dos generosos que, abraçando a pobreza de Cristo, abandonando tudo o que tinham de mais querido no mundo, voavam ansiosos em socorro de nossos compatriotas migrantes, para além do Oceano.

Hoje renova-se aquele comovente espetáculo.

O palpitar do coração, confesso-vos, parece-me que se tornou, pela fé, mais vigoroso e forte. A infinita caridade de Deus abre-me o peito, sublima minha mente, à vista e no desejo do apostolado e apertando ao peito a cruz de ouro do Bispo, docemente quase me queixo com Jesus, que me tenha negado um dia, a Cruz de madeira do missionário e não posso deixar de vos expressar, ó jovens Apóstolos de Cristo, a mais alta veneração, de sentir uma santa inveja de vós, que com espírito forte vos consagrastes à santa obra das missões”.

A finalidade do apostolado missionário da Igreja católica é aquele de “reunir os filhos de Deus dispersos”, como vimos um pouco acima. A interpretação scalabriniana de Isaías, de resto confirmada substancialmente da exegese moderna, é aquela que se encontra, por exemplo, na Bíblia comentada por Antonio Martini, e usada por Scalabrini (Firenze, 1859, t.3, p. 507). Esta forma de apostolado foi dita “a mais útil e fecunda”: porque o emigrado católico torna-se por sua vez um missionário da sua fé. É o pensamento expresso por Scalabrini no **Memorial ao Papa** (cfr. Dépliant n. 15).

O texto de Isaías, que fala dos “povos abandonados além dos mares”, a quem enviar os “pregoeiros da palavra”, se prestava muito bem ao contexto histórico da emigração italiana do além-oceano.

2. “E a quem serão comuns tais sentimentos, quando se reflete um pouco, sobre a grandeza e sublimidade do apostolado católico, do qual hoje temos aqui uma prova eloqüente? Queirais, filhos diletísimos, considerá-lo um instante comigo.

‘Eu, diz o Senhor, por boca do seu profeta, erguerei em meio aos povos, um sinal de resgate universal, e escolhendo entre os viventes, os pregadores da minha palavra, mandá-los-ei aos povos abandonados, para além dos mares. Eles anunciarão a minha glória e reunindo todos os irmãos, os apresentarão em oblação ao Altíssimo.’ (Isaías, 66, 19,20).

O sinal universal de resgate, levantado, no meio dos povos, é a cruz. A sociedade dos primeiros remidos é a Igreja. A palavra que voa de um lugar para outro, de povo em povo, anunciadora de salvação é o apostolado católico. E, graças aos céus, desde que sobre o Gólgota foi hasteado aquele sinal, desde que, no mundo, aparece a Igreja, não cessou de ouvir-se entre os povos, a palavra que anuncia a glória de Deus, que ilumina as mentes, vivifica os corações, regenera as almas e, atraindo de toda a parte os irmãos dispersos, recompõe na unidade de fé, esperança e amor, a família humana, nunca cessou de fazer-se ouvir.

Nenhum obstáculo, nenhuma força conseguiu deter os ministros desta palavra.

Vencidos pelas fadigas, desfalecidos pela miséria, dilacerados pelas feras, envenenados pelo clima,, martirizados pelos malvados, os primeiros Apóstolos morrem? Substituem-nos àqueles, outros Apóstolos, e depois outros, e depois outros ainda sem fim: como em uma floresta virgem as plantas caídas pela velhice e derrubadas pelo vento são sucedidas com inexaurível viço por plantas novas.

E vós hoje, ó queridos filhos, podeis vos gloriar de estar no número deles, dando nome à humilde Congregação, que foi aclamada há alguns dias pelo grande Arcebispo de S. Paulo de Minesota, a forma mais bela dos nossos dias”.

A forma de apostolado mais fecunda, precisamente porque o apostolado específico em favor dos co-nacionais católicos emigrados, cuja fé, sem a ação do padre que tenha a mesma cultura, extingue-se e morre; mas que, com o seu apoio, torna-se também possibilidade de “dilatação do Reino de Deus”. Oportunos, aqui, são também: chamar a atenção à “visão” de Paulo (um macedônio, de língua grega como Paulo, lhe aparece em sonho e lhe suplica: “Passa também por nós para evangelizar!”); e depois, a alusão ao Profeta Isaías: “Ó, como são belos os pés de quem anuncia a paz!”. Na última frase, há o eco daquela mensagem que lhe chegaram de “algumas famílias de Piacenza sobre as margens do Orenoco”, que dizia: “Nos mande um padre, porque aqui se vive e se morre como os animais” (S. in L’Emigrazione italiana in América).



3. "E como aqueles que vos precederam no difícil, mas glorioso campo de batalha, vós também, tenho plena confiança, corresponderéis à Graça de Deus que vos chama. Ele vos indica uma multidão sempre crescente de filhos desta Itália, de irmãos abandonados, que invocam a vossa presença, imploram o vosso socorro, suplicam para serem iluminados por vossa palavra. Como o Anjo da Macedônia a Paulo, sem número de almas, não só com a voz, mas com as suas grandes misérias, vos gritam: Vinde, ó servos de Cristo, vinde ajudar-nos (Atos, 16,9). Há nas Américas milhares e centenas de milhares de católicos italianos, os quais não escutam mais a palavra de Deus, não assistem mais aos santos mistérios, não se alimentam mais com o pão dos fortes, não recebem mais o sinal da Redenção (=Batismo) sobre a fronte; e na ânsia, nas doenças, sobre o leito de morte não encontram mais o sacerdote que lhes faça elevar os olhos e o coração às esperanças e aos confortos do Céu. Pobres infelizes, não sustentados pela força da religião e pelo ministério do sacerdote!

Mas a hora soou, a hora da redenção! A voz do supremo Pastor (Leão XIII) fez-se ouvir e almas generosas respondem ao chamado, prontas para imolarem-se para sua salvação. Estão vendo, estes caros jovens padres, estão vendo estes catequistas! Eles, ardentes de zelo pela glória de Deus e para a dilatação do seu Reino, se desprendem dos abraços dos familiares, que choram, dão um generoso adeus aos parentes e aos amigos, e confiando nas frágeis embarcações atravessarão em breve mares intermináveis, afrotarão todos os perigos, para despertar no coração de nossos conacionais a fé, que sem o trabalho do padre se extingue e morre. Ó, benditos os passos dos Missionários que levam a boa nova aos irmãos abandonados! Quão preciosa é a obra deles à presença do Céu! (= porque leva "salvação"). Quanto é bela e comovente à presença da terra! (= porque leva "civilização", cultura própria). Como nos atrai a visão destes catequistas, que legitimamente enviados impunham a cruz e partem com o objetivo de implantá-la, símbolo de salvação e civilização, em meio aos nossos irmãos, constringidos até agora a viver e a morrer desprovidos de todo conforto religioso".

O rito de "envio missionário" consistia, sobretudo, na entrega do Crucifixo. "Sinal" de vitória por Cristo, será "o companheiro indivisível e o conforto" do Missionário de Cristo. O elogio da Cruz, imitado por Crisóstomo, é comovente expressão da espiritualidade de Scalabrini, cujo mote poderia ser exatamente: ***Ó Jesus, fazei-me inebriar pela tua Cruz!***

Aos filhos, o Pai entrega o seu mais caro segredo

4. "Ide, portanto, ó generosos Apóstolos de Jesus Cristo, onde Ele vos chama. Esperam-vos, grandes fadigas, graves perigos, tribulações múltiplas, lutas e sacrifícios contínuos, mas não temais: - acompanha-vos a Cruz. A cruz é a defesa dos humildes, abatimento dos orgulhosos, a vitória de Cristo, a derrota do inferno, a morte da infidelidade, a vida dos justos, a plenitude de todas as virtudes. A cruz é a esperança dos cristãos, a ressurreição dos mortos, a consolação do pobre, o lenho da vida eterna, a força de Deus. Não temais, acompanha-vos a Cruz. A cruz forma os heróis da Religião, sustenta-os, anima-os, guia-os, torna-os superiores à carne, ao sangue, às alegrias, às dores, infunde-lhes nos ânimos, os santos desejos do mártir de Cristo, que sabe viver e morrer exclamando: Viva Jesus, viva a cruz, viva o martírio: "Não me gloriarei senão na Cruz de N. S. Jesus Cristo."

Não haja outra glória para mim do que a Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo" (Gl 6,14).

A cruz é loucura para o mundo, mas para vós tornar-se-á sabedoria e vida; vale mais uma hora empregada a meditá-la, que longos anos consumidos sobre os livros eruditos, que sozinhos, incham e perdem, e sem eles, somente com a cruz, sobe-se muito alto na ciência de Deus. Nas aflições, nos desânimos, nas desilusões, abraçai a Cruz que vos entreguei. Com inteiro abandono, nas mãos de Deus, levantando os olhos ao céu, repeti: "**Inebria-me, ó Cruz", não me gloriarei, senão na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo.** O vosso coração se dilatará e a vossa alma se abrirá a todas as doçuras da esperança cristã e as vossas obras tornar-se-ão preciosas para o céu".



Além da entrega da Cruz, há também aquela do segredo para senti-la tal e qual na própria vida, e, isto é, a oração: "a parte mais viva" do apostolado".

5. "Ide e não temais: sede fiéis, suplico-vos, a estes santos altares, à vossa vocação: pacientes, prudentes, modestos, repletos de caridade. A isto se orientaram as minhas pobres orações, as orações de tantas boas almas, dos vossos coirmãos, dos vossos parentes, e especialmente das vossas boas mães, que se agora choram pela vossa partida, conhecerão um dia, a glória de ter dado um Apóstolo a mãe comum, à Igreja.

Ah! a oração, não a esqueçais nunca. É a eficácia e a fecundidade da pregação evangélica; É a parte mais viva, mais forte, mais poderosa do Apostolado como ensina Jesus Cristo, soberano modelo da vida apostólica."

Enquanto elevo comovido a mão direita para abençoar, também em nome do supremo Pastor (Leão XIII), estes jovens apóstolos da caridade, vós, ó filhos todos que aqui viestes para dar-lhes adeus na partida, uni-vos comigo na oração ao Altíssimo, para que, em virtude também dos merecimentos do nosso glorioso Antonino, dos Santos Bispos Vítor e Savino se digne tomá-los sob as asas de sua proteção".

Oração de acompanhamento: verdadeiro e próprio "propempticon*" aos Missionários scalabrinianos (com mais de uma alusão ao Livro de Tobias).

(*Um propempticon é um tipo de poema clássico, escrito com a finalidade de enviar a um amigo para uma boa viagem).

6. "Sim, ó Senhor, concedei-lhes, vos suplicamos, próspera viagem e tempo tranquilo. Sejais conforto na partida, consolação durante a viagem, escudo a todo perigo, defesa em cada doloroso encontro. Os vossos Anjos guiem os seus passos nos múltiplos e variados acontecimentos desta vida, assim que, fiéis a vós, cheguem felizes lá aonde a vossa Providência os destinou; e possam um dia, com todas as almas por eles salvas, chegar ao porto da felicidade eterna para louvar-vos, bendizer-vos, agradecer-vos por todos os séculos dos séculos".

(Original em italiano. Livre tradução de Ivo Prati – da Coleção de Folders – Beato João Batista Scalabrini: Bispo e Fundador)